

Satisfação e prudência junto a bancos europeus

REALI JÚNIOR

Nosso correspondente

PARIS — Os meios financeiros europeus envolvidos com a dívida brasileira, principalmente franceses e alemães, aguardam, sem grandes preocupações, a nova rodada de negociações que está sendo aberta nos Estados Unidos, junto ao FMI e bancos comerciais. Apesar de ainda manter uma certa reserva quanto à evolução da situação econômico-financeira brasileira, e isso devido à manutenção do elevado índice inflacionário, esses setores europeus não escondem sua satisfação com alguns resultados obtidos após a aplicação do programa de ajustamentos imposto pelo Fundo Monetário International.

Eles citam, em primeiro lugar, o excedente — acima da expectativa — da balança comercial e os indícios de uma reativação da economia brasileira. Na opinião dos banqueiros franceses, o Brasil tem cumprido seus compromissos internacionais, e não acreditam que em 1985 possa haver qualquer ruptura brutal no tipo de negociação que as autoridades brasileiras atuais vêm mantendo com a comu-

nidade financeira internacional, seja qual for o resultado da sucessão presidencial.

BOA VONTADE

No fundo, o que os meios financeiros europeus esperam é que as conversações com o Brasil prossigam da mesma forma que nos últimos 18 meses, definida recentemente por banqueiros franceses como uma "negociação adulta", ao contrário de outros países endividados.

Na área do Clube de Paris, onde a influência do governo francês é maior, o Brasil conta com a boa vontade de uma política que prega condições mais flexíveis para que os países endividados possam saldar seus compromissos. Isso ficou claro na recente visita feita à França pelo presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, nos seus contatos com o presidente François Mitterrand.

Na área dos bancos comerciais, a influência do governo francês é mais limitada, mesmo nos nacionalizados. O discurso governamental nem sempre corresponde ao discurso pragmático dos meios financeiros. Mas no Clube de Paris, onde são reescalonadas as dívidas

públicas dos países, as facilidades podem ser maiores, pois a influência dos governos é mais importante. Tudo depende, entretanto, de um acordo preliminar com o Fundo Monetário Internacional.

No caso do Brasil, o fato de as negociações bilaterais com seus credores não terem sido totalmente concluídas não provoca reações do Clube de Paris, pois essa instituição apenas define as condições de reescalonamento da dívida pública, sendo que o país devedor e os países credores devem concluir acordos bilaterais a partir das normas estabelecidas pela Organização.

Na verdade, na Europa, a grande expectativa, agora, é que se confirme a tendência de queda das taxas de juros, principalmente a partir da provável reeleição do presidente Ronald Reagan. Segundo os meios financeiros europeus, esse será um acontecimento positivo não apenas para os países endividados em desenvolvimento, mas também para os parceiros europeus dos Estados Unidos, como França, Alemanha Federal, Itália etc, pois poderá provocar uma baixa do dólar.